

"Éramos elogiados e cantados pelas mulheres e raparigas"

— Tenente-Coronel Amândio Chongo, veterano da Luta Armada de Libertação Nacional

Chama-se Amândio Chongo e hoje é Tenente-Coronel de artilharia, das Forças Armadas de Moçambique, veterano da Luta Armada de Libertação Nacional. Homem de expressão fácil e clara, ele conta-nos a trajectória da sua vida.

Amândio Chongo, nasceu a 12 de Novembro de 1945, em Cabo Delgado, filho de um professor, do ensino rudimentar e no seio de uma família de nove pessoas.

— Cedo comecei a assistir a injustiças. Primeiro, na Escola Primária de Milange, na Zambézia, a maioria dos alunos eram brancos e depois era frequente a discriminação racial, tanto no aproveitamento como nas cenas de violência, da parte dos professores e dos colegas brancos. Também tive a oportunidade de ver cenas de chibalo e as más condições de trabalho nas plantações de chá, a má alimentação e outras humilhações. Como criança, sentia-me triste e revoltado. Mais tarde comecei a despertar em mim certas questões: por que éramos colonizados e sujeitos ao desprezo e opressão.

Posteriormente, veio para a então Lourenço Marques, onde frequentou a Escola Industrial. Em Outubro de 1964, encontra-se com Joel Maduna Chinana, por intermédio de Milagre Muthemba, na casa do falecido Mateus Sansão Muthemba. Este foi o primeiro contacto com o grupo de guerrilheiros da FRELIMO, que faziam trabalho clandestino em Lourenço Marques.

Nos fins de 1964, decide fugir, para se juntar à FRELIMO e vai para a Suaziflândia, onde esteve envolvido em tarefas da FRELIMO, tendo vindo a Moçambique duas vezes, clandestinamente. Depois, juntamente com outros três companheiros, vai para a África do Sul, com o objectivo de alcançar o Botswana, mas são detidos pela Polícia sul-africana. Fomos presos, pois não tínhamos documentos. Condenaram-nos a dois meses de trabalhos forçados num campo de batatas. Só então foi possível ir para o Botswana e depois veio Lusaka e a FRELIMO.

Na Tanzânia, foi integrado no campo de Mbeya, onde teve bastantes dificuldades, de ordem tribal e regional, e em seguida surge Kongwa, cuja experiência foi, infelizmente, curta. Em Kongwa, houve dificuldades no início, pois era uma experiência nova de vida colectiva e a preparação militar era dura. Mas, infelizmente, não estive lá muito tempo. Kongwa significou o compreender dos problemas e o dissipar das ilusões. Em seguida,

enviei-me à União Soviética para treino político-militar, em que me especializei em artilharia terrestre.

Em 1967, regressou a esteve em Nachingwea, donde guarda experiências e recordações muito ricas: Em Nachingwea encontrei uma vida de tipo novo, modelo de novos métodos de trabalho e dinâmica nas decisões, o que nos foi muito útil na luta. Nachingwea uniformizou a preparação política e militar face à situação real de Moçambique, pois nós vínhamos da Argélia, do Egipto, da URSS, da China e de Cuba. Foi ali que nasceu o princípio de contar com as próprias forças, princípio que existe até hoje.

O passo seguinte foi Cabo Delgado. Ali, todos os preconceitos tribais introduzidos por Lázaro Kavandame trouxeram problemas, entre os quais o da língua, mas que Amândio Chongo soube ultrapassar. Mas foi também em Cabo Delgado que ele teve a sua iniciação na vida de combatente: Lá conheci o Major Ndupa, por quem tenho a maior admiração. Se há pessoas que merecem o título de «veteraníssimo», ele é uma delas. Através dele, pude conhecer muito da realidade e tive o meu baptismo de fogo. De Cabo Delgado retinha, ainda, a hospitalidade e simpatia da sua população. Tivemos lá pais, irmãos, tios, enfim, toda a família. E até hoje, essas relações perduram.

Amândio Chongo foi um dos fundadores do Destacamento de Artilharia «Gungunhana», o primeiro em Cabo Delgado, composto por 300 homens, formou-se nos fins de 1968. O trabalho constante com armas pesadas e de técnica aperfeiçoada exigia um constante estudo e elevação dos conhecimentos científicos dos combatentes.

Apesar das batalhas e combates terem sido bastantes, alguns ficam na memória: Há um ataque que nunca poderei esquecer. Foi a 2 de Agosto de 1968, quando atacámos Mueda e destruimos 12 aviões no aeroporto.

Para além dos combates, também os homens ficam na memória. Eviden-

temente, Mondlane e Samora ocupam as recordações de todos quantos passaram pela FRELIMO ou ainda lá estão. Mas há outros que também serviram de exemplo a muitos combatentes. A propósito disto, o Tenente-Coronel Amândio Chongo diz: De Cabo Delgado guardo a figura de Raimundo Pachinuapa, que se destacou bastante no combate às ideias de Lázaro Kavandame. Por outro lado, ele entusiasmava, mobilizava e ensinava. Até hoje existe uma profunda admiração pelas suas qualidades de dirigente e político. Guardo também a figura de Daniel Poleia, comandante do Destacamento de Mocimboa do Praia.

Há muitas experiências e valores da luta armada que é necessário manter e respeitar, tais como a experiência da unidade nacional, o envolvimento do Povo na resolução dos problemas, o uso de métodos de trabalho colectivo, a vigilância das zonas libertadas, quando da guerra subversiva contra a FRELIMO.

Mas verifica-se também que muitos dos princípios que guiaram a luta estão a ser desprezados ou esquecidos e isso provoca o aparecimento de erros que prejudicam a luta actual. Usam-se métodos autoritários e as pessoas muitas vezes não compreendem os porquês das medidas e decisões; existe o espírito de sabe-tudo, que contraria profundamente o espírito colectivo; o centralismo democrático não se tem implementado correctamente. Muitas das dificuldades de hoje devem-se ao facto de não se aprender das experiências da luta armada, a grande Universidade para todos.

A luta armada foi um leque sem fim de exemplos de heroísmo e patriotismo. Este legado não pode nem deve ser perdido na nova geração que nasce e cresce. Como fazer crescer o espírito patriótico da juventude e o seu amor à revolução e ao trabalho? É necessário recolher informações e testemunhos da luta armada e da luta contra o Smith. É necessário promover entrevistas e mesas-redondas com combatentes para enriquecer a nossa História. Os tempos passam e perdem-se exemplos de sacrifício e internacionalismo proletário.

O processo da luta forjou os Homens. Muitos, ao princípio, eram tribaisistas, racistas e outros simples nacionalistas. Alguns transformaram-se na poeira dos combates e no ardor das contradições, outros ficaram pelo caminho. Não aguentaram o salto para o Homem revolucionário. Em Nachingwea, em 1967 comecei a observar o processo da luta de classe. Kavandame queria as machambas e lojas privadas. Outros opunham-se. E é depois do 2.º Congresso que eu sinto que dei o salto ideológico de simples nacionalista para o combatente revolucionário.

O guerrilheiro é essencialmente Homem. O combate é o dever voluntário. O amor é o direito por vezes esquecido.

— Foi-nos difícil, ao princípio, esquecer as famílias. Esquecer pais, mulheres (ou marido) e outros familiares. Mas o dever de servir o Povo acabou por ser mais forte.

Durante os combates ou a vida no mato, nem tínhamos tempo de pensar no amor. Só quando por acaso iam às grandes bases é que nos lembrávamos que existiam mulheres. Por outro lado, haviam mulheres que nos seguiam pois nós éramos os seus heróis. As mulheres e as raparigas elogiavam-nos e cantavam-nos. Diziam que os rapazes que ficavam em casa e que não queriam combater eram medrosos e covardes.



Amândio Chongo: «Foi-nos difícil, ao princípio, esquecer as famílias. Esquecer pais, mulheres e outros familiares. Mas o dever de servir o Povo acabou por ser mais forte»